

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL: FORMAÇÃO OU INSTRUMENTALIZAÇÃO?¹
THE REFORM OF SECONDARY EDUCATION IN BRAZIL: TRAINING OR INSTRUMENTALIZATION?

Adriana Toso Kemp²

¹ Artigo resultante de trabalho de pesquisa desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

² Acadêmica do Curso de Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

RESUMO

Este artigo discute a Reforma do Ensino Médio no Brasil, à luz dos conceitos clássicos de formação, a saber a paideia grega e a bildung originária do pensamento iluminista alemão. Resulta de um trabalho de pesquisa teórico-conceitual, desenvolvido numa perspectiva crítico-hermenêutica, com o objetivo de contribuir para a interpretação dos desdobramentos dessa Reforma no processo educacional das novas gerações.

Palavras-chave: Educação; Desenvolvimento Integral; Cidadania Plenária.

ABSTRACT

This article discusses the Reform of Secondary Education in Brazil, in the light of the classical concepts of formation, namely the Greek paideia and bildung originating from German Enlightenment thought. It results from a theoretical-conceptual research work, developed in a critical-hermeneutic perspective, with the objective of contributing to the interpretation of the ramifications of this Reformation in the educational process of the new generations.

Keywords Education; Integral Development; Plenary Citizenship

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

1 INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, caracterizado pelas constantes inovações científicas e tecnológicas, a inserção dos sujeitos na cultura e o exercício da cidadania demandam domínio da leitura e da escrita, capacidade de compreender e atuar no entorno social, capacidade de acessar e usar melhor a informação acumulada, capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo (TORO, 1997). O processo formativo escolar não pode, portanto, se eximir do compromisso de oportunizar às novas gerações o desenvolvimento dessas competências básicas imprescindíveis não só à atuação profissional, como também à plena sociabilidade.

Há que se reconhecer, então, a pertinência de uma dimensão do processo formativo escolar que é instrumentalizadora. O problema reside, no meu modo de compreender, na ênfase demasiada ou exclusiva sobre essa dimensão. Evidencia-se uma tendência ao reforço dos conhecimentos técnico-científicos de suposta utilidade prática imediata. Como afirma Savater (1998, p. 136), “a inovação permanente, as descobertas recentes ou o que dá lugar à tecnologia do futuro gozam de maior prestígio, ao passo que a rememoração do passado ou as grandes teorias especulativas soam um pouco como perda de tempo”. A realidade sociocultural do mundo globalizado reflete uma crise dos ideais humanistas de formação, baseados na constituição da identidade moral e da consciência dos jovens.

No entanto, a educação calcada nos princípios da racionalidade técnica também parece não dar conta das necessidades de formação de sujeitos capazes de atuar com eficiência e eficácia no contexto contemporâneo. E é importante ressaltar que esta referência feita aqui à atuação eficiente e eficaz não se restringe apenas ao âmbito do trabalho, embora este seja importante, mas à vida em todos os seus aspectos.

Nota-se uma dicotomia entre os discursos que articulam o ensino como uma prática técnica e os discursos que o constituem como uma tarefa moral. Savater (1998), em seu livro *O Valor de Educar*, discorre sobre essa problemática lembrando que a separação entre cultura científica e cultura literária é um fenômeno recente na história da humanidade, que remonta ao final do Séc. XIX e somente se consolida no Séc. XX, quando a abrangência de saberes cada vez mais técnicos e complexos desafia as capacidades de qualquer indivíduo e impõe a especialização, a qual não é, conforme reitera o autor, mais do que uma forma de renúncia. Nas palavras de Savater:

[...] as faculdades que o humanismo pretende desenvolver são a capacidade crítica de análise, a curiosidade que não diz respeito a dogmas nem a ocultismos, o sentido de raciocínio lógico, a sensibilidade para apreciar as mais elevadas realizações do espírito humano, a visão de conjunto

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

diante do panorama do saber etc. Francamente, não conheço nenhum argumento sério para provar que o estudo do latim e do grego favorece mais essas qualidades do que o estudo da matemática ou da química (1998, p. 138).

Diante dessa “fenda”, aberta entre o predomínio das concepções técnico-científicas e certo dogmatismo das concepções humanistas, este artigo tem como foco discutir o conceito de formação, a partir da antiguidade grega (paideia), passando pela proposição iluminista (bildung), com o objetivo de trazer elementos para argumentar em prol da afirmação de que o processo formativo escolar não pode ser somente instrumentalização. A perspectiva de formação apresentada e assumida aqui aponta para a subjetivação não subjetivista, isto é, para a formação de sujeitos que, para além de sua capacitação técnica, sejam dotados de virtudes éticas produzidas intersubjetivamente com vistas ao desenvolvimento de uma cidadania planetária.

2 METODOLOGIA

Este artigo é resultado de pesquisa teórica, com abordagem qualitativa, desenvolvida com o objetivo de investigar o conceito de formação, em suas acepções clássicas, traduzidas pelas noções de paideia e bildung, e a partir disso tecer reflexões críticas acerca do conceito de formação que permeia (ou não) a proposição da mais recente Reforma do Ensino Médio (REM) no Brasil. Instituída pela Medida Provisória 746 e regulamentada pela Lei 13.415, a REM estabelece que o ensino médio passa a ser organizado por áreas de aprofundamento, as quais os estudantes supostamente poderão escolher, de acordo com a oferta, que ficará a cargo dos sistemas estaduais de ensino. São obrigatórias nos três anos do Ensino Médio, a partir dessa Reforma, somente as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa.

Na pesquisa realizada, busquei estudar autores que oferecem um embasamento teórico-filosófico para essa temática. O desafio a que me proponho é o de estudar os textos abrindo-me para aquilo que eles têm a me dizer, tomando-os como inauguradores de possibilidades de significação. O esforço desenvolvido consiste em apreender os argumentos apresentados e, interpretativamente, lança-los como facho de luz sobre a temática da formação humana para o mundo humano.

A investigação desenvolveu-se, portanto, numa perspectiva crítico-hermenêutica, em que faço um esforço interpretativo dos textos estudados buscando produzir a crítica com vistas a oferecer uma possibilidade de compreensão da temática abordada, cujo foco incide sobre a noção de formação que perpassa (ou não) a REM.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do entusiasmo com as inovações tecnológicas e da, infelizmente pouco questionada, evolução das sociedades modernas, Jaeger nos faz lembrar que:

O mundo grego não é só o espelho onde se reflete o mundo moderno na sua dimensão cultural e histórica ou um símbolo da sua autoconsciência racional. O mistério e deslumbramento originário cerca a primeira criação de sedução e estímulos em eterna renovação. Quanto maior é o perigo de até o mais elevado bem se degradar no uso diário, com tanto mais vigor sobressai o profundo valor das forças conscientes do espírito que se destacaram na obscuridade do coração humano e estruturaram, no frescor matinal e com o gênio criador dos povos jovens, as mais altas formas de cultura (JAEGER, 2013, p. 7).

Pensar o conceito de formação humana requer, ao menos no contexto do mundo ocidental, buscar compreender a paideia grega. O foco da formação humana no mundo grego estava baseado num entendimento da totalidade da existência humana, cuja dignidade se realizava na polis, isto é, no exercício da participação política. Jaeger (2013, p. 9) destaca que os gregos da Antiguidade “[...] consideravam as coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido”.

Todo o legado científico, filosófico e artístico construído pelos gregos foi atravessado por uma compreensão profundamente orgânica da vida, da natureza e do homem. Nas palavras de Jaeger: “Não é uma simples soma de observações particulares e abstrações metódicas, mas algo que chega mais longe, uma interpretação dos fatos particulares a partir de uma imagem que lhes dá uma posição e um sentido como partes de um todo” (2013, p. 10).

O que o autor em questão destaca é justamente o sentido filosófico do universal, compreendido como o comum na essência do espírito, o qual atravessou toda a produção de conhecimentos e compreensão de mundo dos gregos da Antiguidade e cujo legado continua importante para nossa civilização contemporaneamente.

A vivacidade espontânea, a sutil mobilidade, a íntima liberdade (que parecem ter sido as condições do rápido desabrochar daquele povo na inesgotável riqueza de formas que nos surpreende e espanta ao contato com os escritores gregos de todos os tempos, dos mais

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

primitivos aos mais modernos) não têm as suas raízes no cultivo da subjetividade, como atualmente acontece; pertencem à sua natureza (JAEGER, 2013, p. 8).

Havia, entretanto, limites significativos, uma vez que a cidadania era restrita aos homens livres, deixando de fora, portanto, as mulheres e os homens cuja condição não lhes assegurava lugar como cidadãos (os escravos, por exemplo). Na Modernidade, especialmente com o Iluminismo alemão, o conceito de formação (bildung) toma o indivíduo como o centro. A autonomia do sujeito, com foco na ética kantiana, passa a ser a centralidade do processo formativo.

Conquista-se, portanto, na e com a Modernidade a noção de indivíduo, o que acaba por inaugurar condições para a ampliação da cidadania a outras camadas sociais e às mulheres. Por outro lado, se perde, aos poucos, aquela noção de totalidade orgânica que se tinha na Antiguidade Grega.

De todo modo, parece-me haver elementos muito importantes, a despeito dos limites que os dois conceitos (paideia e bildung) apresentam, a serem recuperados na contemporaneidade com vistas a pensar acerca do conceito de formação humana para o mundo humano no contexto atual.

Vivemos um contexto de inovações científicas e tecnológicas. Testemunham disso os avanços na área da saúde envolvendo as pesquisas com células tronco, as técnicas de produção agrícola, as quais atingiram tal grau de desenvolvimento que somos capazes de produzir alimentos em grande escala, as tecnologias capazes de superar limites da natureza e do clima para a produção. Entretanto, vivemos em disputa e a infelicidade se alastra entre os seres humanos, com registros cada vez mais significativos de doenças psicossomáticas, bem como de doenças decorrentes do uso indiscriminado de agrotóxicos, milhares de pessoas sofrem e morrem em decorrência da fome, das disputas religiosas e territoriais.

Nesse contexto, os desafios que se apresentam às pessoas são muito mais ligados às dimensões ética e estética da existência, do que à dimensão técnico-produtiva, são desafios que dizem respeito à superação do individualismo, para poder pensar e agir em prol da construção de um pertencimento à comunidade humana e consequente reconhecimento do bem público e do ideal de universalidade de acesso a condições de vida mais humanas.

Foram os gregos a perceber, pela primeira vez na história humana, que a educação tem de ser um processo de construção consciente. Jaeger (2013) afirma que a palavra alemã

Bildung (formação, configuração) é a que designa de modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico [...] e aparece sempre que o espírito humano abandona a ideia de um adestramento em função de fins exteriores e reflete na essência própria da educação (p. 11).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

A dedicação incomparável dos gregos a essa tarefa – a formação humana – não se explica, conforme o autor, nem por sua visão artística nem pelo seu espírito ‘teórico’, mas sim pelo fato de terem sempre colocado o homem no centro do seu pensamento. Até mesmo a formação do Estado grego só pode ser compreendida sob o ponto de vista da formação do homem grego e da sua vida inteira. Nas palavras de Jaeger:

[...] a forma humana dos seus deuses, o predomínio evidente do problema da forma humana na sua escultura e na sua pintura, o movimento consequente da filosofia desde o problema do cosmo até o problema do homem [...] e finalmente o Estado grego [...] tudo são raios de uma única e mesma luz, expressões de um sentimento vital antropocêntrico que não pode ser explicado nem derivado de nenhuma outra coisa e que penetra todas as formas do espírito grego (JAEGER, 2013, p. 12).

O autor define, portanto, o povo grego como antropoplástico. E reitera que “a descoberta do Homem não é a do eu subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determinam a essência humana” (JAEGER, 2013, p. 12). Assim, o que marca a concepção e a prática gregas de formação humana não é o individualismo, mas o “humanismo”, em seu sentido clássico e originário.

Tal é a genuína paideia grega, considerada modelo por um homem de Estado romano. Não brota do individual, mas da ideia. Acima do Homem como ser gregário ou como suposto eu autônomo, ergue-se o Homem como ideia. A ela aspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos. Ora, o Homem, considerado na sua ideia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa (JAEGER, 2013, p. 12).

Desse modo, a essência da educação grega consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade. É importante frisar, também, que esse ideal de Homem não constituía para os gregos um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. Isto é, a desconsideração do caráter histórico e a tendência à exclusão de determinadas dimensões da existência humana (o reducionismo a uma racionalidade técnica, por exemplo) não estava presente nas concepções gregas.

Jaeger (2013) propõe um retorno aos gregos clássicos, sem, contudo, esquecer a historicidade: “[...] não podemos considera-los de novo como ídolos intemporais” (p. 14). Contudo, ainda temos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

muito a aprender dos gregos. Em se tratando da temática da formação humana para o mundo humano, o legado grego nos ensina que “a educação não é uma soma de técnicas e organizações privadas, orientadas para a formação de uma individualidade perfeita e independente”. Mas sim, que “O Homem que se revela nas obras dos grandes gregos é o homem político” (JAEGER, 2013, p. 14).

Entre os gregos da Antiguidade, portanto, a noção de formação (Paideia) tinha forte conotação ética, centrada nos valores da coletividade. Na Bildung, originária do pensamento Iluminista alemão, o conceito de formação ganha contornos mais voltados à autonomia dos indivíduos. Almeja-se a formação integral plena do homem para a autonomia e a autodeterminação.

Na Antiguidade grega, o conceito clássico de formação colocava a polis no centro da preocupação formativa, isto é, a preparação dos homens para o exercício da democracia. Isso porque o homem, a dignidade humana, constituía a centralidade e havia o entendimento de que o seu pleno desenvolvimento só seria possível no exercício da cidadania, politicamente, portanto. No contexto da Modernidade, especialmente a partir do movimento Iluminista, o conceito de formação (Bildung) trazia o sujeito no centro da preocupação. A centralidade do fazer educativo, em sua dimensão ética, incide sobre a esfera da racionalidade, uma vez que os indivíduos, ao assumirem a reflexão ética, precisam ser capazes de dar as razões das motivações de seu agir (OLIVEIRA, 1993).

O conceito contemporâneo de formação já não carrega as marcas nem da Paideia nem da Bildung. Hoje, à educação atribui-se papel diferente. Conforme ressalta Flickinger (2010), a educação está presa à dinâmica socioeconômica e, desse modo, a concepção de formação é profundamente afetada e transformada por essa dinâmica. De acordo com o autor, as sociedades capitalistas giram em torno do trabalho. Logo, a integração do indivíduo no mercado de trabalho é meio para sua sobrevivência, mas principalmente meio de obter reconhecimento como membro valioso da comunidade. O valor do indivíduo estaria, portanto, em ser ele um trabalhador. Nessa lógica, o esforço maior do homem estaria voltado ao aperfeiçoamento das condições exigidas pelo mercado de trabalho, para o seu acesso e permanência nesse mercado. Não é mais o homem, portanto, que se realiza por meio de seu trabalho, e sim a sociedade de trabalho que se efetua por meio da economização abrangente do homem.

Assim, o ideal de formação visa à eficiência técnica, distancia-se cada vez mais da noção de Bildung e volta-se à qualificação do indivíduo segundo as necessidades econômicas. O processo formativo é guiado pelas diretrizes da racionalidade econômica, as quais servem também de critério para a avaliação dos resultados obtidos em educação.

Entretanto, os desafios que se colocam contemporaneamente demandam uma formação mais alargada, cujos princípios podem ser buscados na paideia grega e na bildung alemã. Reconhecidos seus limites, bem como a peculiaridade da contingência contemporânea, ainda assim, essas noções clássicas podem inspirar um conceito outro de formação que seja capaz de potencializar o

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

desenvolvimento integral de sujeitos para a vida (dignidade humana) e a cidadania planetária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos conceitos revisitados até aqui neste texto, pode-se observar que o currículo proposto para o ensino médio brasileiro a partir da Reforma do Ensino Médio (REM) não só implica a redução ao aspecto instrumentalizador, como uma precarização dessa instrumentalização. A REM não só reduz essa etapa da formação ao aspecto instrumental, mas reduz a instrumentalização a um currículo mínimo direcionado aos testes padronizados em âmbito nacional e internacional, focado nos interesses do capital. É importante lembrar que, para muitos estudantes brasileiros, o Ensino Médio é a última etapa da educação formal. Dados de 2015 dão conta de que 84,3% dos jovens entre 15 e 17 anos estão na escola, pouco mais de 62% frequentam o Ensino Médio; 40% dos jovens que se matriculam no EM não concluem; 82% dos jovens entre 18 e 24 anos estão fora do Ensino Superior (Fonte: IBGE-PNAD - Elaboração: Todos Pela Educação).

A REM empobrece o currículo, na medida em que propõe a dicotomia entre a formação geral humanística e a profissional, rompe com as Diretrizes Curriculares Nacionais do EM e da Educação técnica e profissional que defendem a integração dos currículos escolares sem distinção de blocos. A noção de politecnia, que constituía um avanço na legislação e vinha sendo gradativamente incorporada aos currículos de Ensino Médio, especialmente nos cursos técnicos integrados ao ensino médio, é desconsiderada na REM. O que se tem a partir dessa reforma são apenas as disciplinas de Português e Matemática como obrigatórias nos três anos do ensino médio e o restante da carga horária em itinerários formativos específicos que supostamente poderão ser escolhidos pelos estudantes, cuja oferta será definida pelos sistemas de ensino, sendo as seguintes possibilidades: I. Linguagens e suas tecnologias; II. Matemática e suas tecnologias; III. Ciências da Natureza e suas tecnologias; IV. Ciências Humanas e suas tecnologias; V. Formação Técnica e Profissional.

Isso significa que, ao cursar um itinerário formativo, o estudante de ensino médio ficará alheio a todas as demais áreas de conhecimento. Inviabiliza-se, desse modo, o acesso desses sujeitos ao legado da tradição sócio-histórica, cultural, científica e tecnológica da humanidade, juntamente com sua capacitação para a leitura crítica do mundo e a potencialização da habilidade de leitura e interpretação, capacidades indispensáveis à formação de sujeitos e não à mera instrumentalização para sua inserção, por baixo, no mercado de trabalho. Formação humana para um mundo humano não pode prescindir da técnica, do aparato científico e tecnológico, mas não pode se reduzir a ser transmissão de modos de fazer, sejam eles manuais e/ou intelectuais.

Promover a desarticulação entre as áreas de conhecimento, como ocorre com a REM, não é apenas excluir um conjunto de disciplinas em favor de outro. Excluir ou desmerecer determinadas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

áreas na escola é uma estratégia de esvaziamento do sentido crítico da formação.

Durante muito tempo, no Brasil, algumas disciplinas humanísticas, como filosofia e sociologia, ficaram de fora do processo formativo escolar, privilegiando-se um conjunto de disciplinas ditas científicas, com uma abordagem embasada numa visão reducionista da própria ciência. O que parece estar norteando esse itinerário educacional proposto na REM não é a formação científica, a qual não se dá sem reflexão crítica e profundo embasamento das humanidades, e sim a mera instrumentalização técnica das novas gerações para sua inserção, por baixo, no sistema produtivo, ou, quando isso não é possível, pela impossibilidade do sistema em absorver toda a mão-de-obra subqualificada disponível, a sua culpabilização por não ter a necessária qualificação.

A concepção de educação que perpassa a REM no Brasil está muito mais atrelada à visão de que o ensino é uma prática técnica instrumental do que um processo de formação de subjetividades. Entretanto, a educação nunca deixa de ser subjetivadora. Ela sempre está produzindo subjetividades. O que ocorre é que se trata, no contexto da REM, da produção de subjetividades reduzidas aos interesses do mercado e não subjetividades alargadas, com capacidade e embasamento teórico-científico que constitui o instrumental necessário para tomar as próprias decisões e agir no contexto social, para além de meramente repetir ideias e operar certos equipamentos técnicos no trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Institui a reforma do ensino médio no Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>>. Acesso em 21 maio 2018.

JAEGGER, Werner Wilhelm. Paideia: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética e sociabilidade. São Paulo: Loyola, 1993.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

SAVATER, Fernando. O Valor de Educar. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TORO, José Bernardo. Códigos da Modernidade: capacidades e competências mínimas para a participação produtiva no Séc. XXI. Colômbia: Fundación Social, 1997.